

LEI Nº 3.192, DE 25 DE SETEMBRO DE 2.012

“Dispõe sobre denominação de via pública que especifica”

(Autor: Nelson Mancini Nicolau, Prefeito Municipal)

NELSON MANCINI NICOLAU, Prefeito Municipal de São João da Boa Vista, Estado de São Paulo etc.,
FAZ SABER que a Câmara Municipal aprovou e eu promulgo a seguinte...

LEI:

ARTIGO 1º: Passa a denominar-se **AVENIDA JANDIRA DE OLIVEIRA FREITAS**, a Avenida Dez do Distrito Industrial.

ARTIGO 2º: Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista, aos vinte e cinco dias do mês de setembro de dois mil e doze (25.09.2012).

NELSON MANCINI NICOLAU
Prefeito Municipal

Esta Lei nº 3192, de 25 de setembro de 2012, é uma homenagem que prestamos a Sra. Jandira de Oliveira Freitas, exemplo de trabalhadora sanjoanense, fixando seu nome na Avenida Dez do Distrito Industrial de São João da Boa Vista.

A homenageada nasceu em 14 de janeiro de 1921, na cidade de Caldas-MG, tendo transferido residência para São João da Boa Vista em 1936, onde faleceu em 30 de dezembro de 2001.

Filha de Urias de Freitas e Ana Rita de Oliveira Freitas, Jandira tinha 6 irmãos. O pai era drenador de terras. Trabalhava nos parreirais de Caldas e, embora de maneira simples, sempre ofereceu conforto à família. Em 1936, veio para São João, a convite de um amigo, o qual lhe falou muito bem de São João e contou tantas vantagens, que ele não resistiu e resolveu se aventurar.

Chegando aqui foram morar e trabalhar na Fazenda Santa Helena, de propriedade de Abel Silva. Mas Jandira conta que não deu certo, assim:

UM PERÍODO HORROROSO

“Ficamos apenas 1 ano na Santa Helena e, para mim, esse foi um período horroroso. No tempo em que morávamos em Caldas, somente os homens trabalhavam na lavoura. Era costume dos mineiros não deixarem as filhas mulheres irem pra roça. As moças ficavam em casa aprendendo os serviços domésticos. Quando chegamos na fazenda tivemos que ir trabalhar na colheita de café. Um serviço terrível, que espetava e inchava a mão da gente. Aí, pedi a meu pai que arrumasse um emprego para mim na cidade. Ele veio, falou com seu ‘Paco’ e Dona Santa, um casal de comerciantes, que morava nas proximidades da Santa Casa, e eles conseguiram trabalho para mim no hospital”.

UMA PROVA DE FOGO

“Uma enfermeira chamada Maria Leontina, havia morrido e eu seria sua substituta. A direção da Santa Casa ao constatar que eu só tinha 16 anos, criou uma série de impedimentos, mas depois de muita insistência, fui aceita. Porém, me colocaram à prova já no primeiro dia. Mandaram-me para a sala de cirurgia acompanhar uma operação de úlcera. Quando vi o Dr. João Batista, passar o bisturi na barriga do homem, quase desmaiei. Eu me beliscava para produzir uma reação capaz de desviar minha atenção e me fazer aguentar em pé, porque precisava daquele emprego. Gostava muito de meus pais e queria trazê-los para a cidade. Sofria de pensar no sacrifício deles lá na roça. Meu pai estava arrependido de ter saído de Caldas, mas não era homem de voltar atrás.

Enfim, terminou a cirurgia e eles me mandaram lavar todo o material. Novamente quase morri ao tocar os resíduos da operação. Aquele cheiro de sangue humano grudou em mim e por mais que eu lavasse as mãos, não saía”.

A FORÇA DO HÁBITO

“Com o tempo, me acostumei e passei a adorar a profissão, a qual exerci durante 3 anos. Trabalhei com médicos muitos bons: Dr. João Batista, Dr. Anor Aguiar, Dr. Zeca Procópio, Dr. Oscar Pirajá... Naquele tempo as irmãs de caridade é que tomavam conta da Santa Casa. Uma delas, Irmã Crisanta, era muito boa. Ajudou-me a arranjar uma casa e eu finalmente pude trazer minha família para a cidade. Depois que essa freira foi embora, eu perdi o interesse em trabalhar no hospital e também, precisava ganhar mais. Saí e fui para a Fiatece. A situação não era nada boa e minha família resolveu voltar para Caldas. Eu fiquei morando com uma família de conhecidos até que consegui alugar uma casa à Rua Capitão José Alexandre. Passado um tempo minha irmã caçula veio morar comigo e depois que meu pai faleceu, lá em Minas, minha mãe juntou-se a nós. Após o casamento da caçula ficamos só nós duas, até que minha mãe também se foi”.

O ACIDENTE

“Quando entrei na Fiatece em 1940, era obrigatório o uso de lenço na cabeça. Passado um tempo, o pessoal começou a relaxar e nem todo mundo usava. Eu, porém, continuei pois tinha os cabelos crespos, fartos e compridos. Aquele pó do algodão grudava de tal forma, que o cabelo ficava horrível. Então, eu não dispensava os lenços – muito mais por vaidade do que por obediência.

Um dia, fui trabalhar na maçarocadeira, uma máquina que fazia um movimento contínuo de sobe e desce. Não era o meu setor. Eu apenas tive que substituir uma colega que faltara ao trabalho. Fazia muito calor. O sol entrava por uma janela e batia exatamente onde eu estava. O suor escorria pela minha testa. Quando faltavam 10 minutos para

encerrar o turno eu tirei o lenço e pendurei num prego que havia logo acima, numa coluna. Ao movimentar-se, a maçarocqueira produzia um vento que jogou o lenço no chão. Na primeira vez, eu o apanhei e recoloquei no prego, na segunda, também, mas na terceira, quando abaixei o vento puxou meu cabelo que se enrolou na máquina arrancando tudo. Minha cabeça ficou no osso. Foi horrível! Formou-se um alvoroço na fábrica. Carregaram-me para o hospital mas os médicos não sabiam o que fazer. Dr. David Arrigucci era o médico da empresa de seguros da Fiatece. Ele me ajudou muito, foi extremamente atencioso e paciente comigo – excelente”.

OS ANOS DOLOROSOS

“Fiquei internada durante um ano e 3 meses na Santa Casa de São João. Mas não havia meios para recuperar. Daí fui encaminhada para São Paulo, para fazer os implantes. Passei por três hospitais e finalmente parei no Oswaldo Cruz, antigo Hospital dos Alemães, que fora confiscado pelo governo brasileiro durante a guerra. Lá fui tratada pelo Professor Dr. Antonio Prudente de Moraes. Eu quase morria de dor, era tudo inchado e infeccionado e esse médico fez muito por mim. Fiquei internada em São Paulo durante 4 anos. No primeiro, uma família muito amiga, daqui de São João, mandou a filha, Teresa Colozza, de 11 anos, para ficar comigo.

Eu ficava com os olhos vendados e não conseguia fazer quase nada sozinha. Embora menina, ela fazia tudo, desde dar-me a comida na boca. Depois de um ano, ela se desenvolveu tanto que não cabia nas roupas e veio embora”.

O RETORNO

“Fiz várias cirurgias e tive a sorte de não perder nenhuma. Tiveram que retirar pele das pernas e da região do abdômen, para fazer os enxertos. Felizmente a seguradora pagou tudo. Quando recuperei voltei para São João e continuei trabalhando na Fiatece, só que passei a trabalhar como enfermeira, no posto de pronto atendimento da fábrica. Posteriormente, quando abriu a loja da Fiatece passei a ser gerente e fiquei lá até aposentar”.

O COMPLEXO

“Apesar de estar curada, sofri muito com o preconceito das pessoas que eram muito mal educadas. Apontavam-me na rua, tinham uma curiosidade danada, porque eu naturalmente usava peruca. Quando percebia, eu ficava paralisada, totalmente sem ação e chorava desesperadamente. O que sofri pelo complexo, foi pior do que os anos todos que passei no hospital. Tornei-me um bicho acuado. Saía de casa apenas para ir ao trabalho e ao cemitério. Aliás, gosto muito de ir ao cemitério, saio de lá com uma paz imensa. Depois, com o tempo, fui me adaptando. Mas passear era só em São Paulo, porque ninguém me conhecia. Lá eu ia a teatros, cinema. Antes do acidente eu era uma pessoa que gostava de passear, namorar, viajar, dançar. Cheguei a ficar noiva mas achei que não ia dar certo e rompi o noivado – parece que foi providencial”.

OS FILHOS

“Embora não tivesse me casado, criei vários filhos. Comecei com dois de minha irmã, que separou-se do marido e deixou os filhos comigo. Depois, foram aparecendo os outros. Muitos passaram pela minha casa. Mas que cresceram e ficaram até casar, somam 14. Quando a família começou a aumentar saí da casa na Capitão José Alexandre e aluguei uma outra próxima à linha do trem. Era uma chácara grande mas só tinha pasto e era tudo aberto. Pertencia a Seu Antonio Braido. Cercamos tudo e plantamos árvores frutíferas, verduras e flores. Criávamos galinha, vaca, porcos, cabras etc. Vendíamos ovos, leite e verduras e isso ajudava no sustento das crianças. Além disso, eu ia à Águas de Lindóia, Serra Negra e São Paulo, comprava roupas, sapatos e acessórios e vendia aqui para as amigas. Também fazia bonecas e colchas. Com isso, eu conseguia manter as despesas da casa e dar boa educação para as crianças. Um dia chegou lá em casa, um senhor pedindo emprego e moradia, já éramos em muitos mas não tive coragem de mandá-lo embora. Ele acabou ficando com a gente durante 25 anos, até falecer, com 97 anos de idade. Foi o avô de todas as crianças, chamava-se ‘Seu’ Bepe”.

A GRATIFICAÇÃO

“Tive uma vida difícil e não queria que as crianças passassem o mesmo. Frequentei a escola apenas 3 anos, enquanto morava em Caldas, depois não tive mais oportunidade. Felizmente sempre gostei de ler. Aprendi muito lendo romances e revistas. Ficava com um dicionário do lado e ia consultando-o à medida que não sabia o significado das palavras. Fiz questão que todos os meus filhos estudassem. Alguns até fizeram faculdade. Hoje, quase todos estão casados e felizes. Esta é a maior gratificação que a vida me deu”.

A GRATIDÃO

“Acho que tudo que aconteceu comigo foi por obra de Deus. O acidente, a recuperação. E sarei para criar os filhos que ele me mandaria. Larguei tudo que eu gostava e sem nenhum ressentimento. Não foi fácil, mas não me arrependo nem um pouco. A coisa que mais me deixava feliz, era chegar em casa do serviço e encontrá-los todos me esperando, ansiosos para contar o que tinham feito durante o dia. Era uma alegria geral. Uma coisa inexplicável ! Graças a Deus sou muito feliz e agradecida por Deus ter me dado esta graça”.